

## SIM À EXIBIÇÃO

É de extrema importância para a Agência Nacional do Cinema – ANCINE a atividade econômica da exibição cinematográfica. Ver a projeção de um filme numa sala, além de lazer, entretenimento e cultura, representa qualidade de vida. Todas as novas formas de comunicação ao público de obras cinematográficas, a televisão aberta ou paga, o DVD e, agora, a internet e o telefone celular, não retirarão da sala a característica de ser sua forma mais nobre de consumo. Os filmes são feitos para serem exibidos na sala escura, em meio a outras pessoas, de maneira contínua, na tela grande. Sair de casa para ir ao cinema é e sempre continuará a ser um bom programa. Sabem disso os jovens, que nunca deixaram de acudir às salas; sabem disso os mais velhos, que encontram nos filmes a companhia necessária. O carisma da sala é, além disso, indispensável para produzir esta matéria básica para a cultura de massas: a celebridade.

Simultaneamente, a frequência à sala de exibição sofre a pressão social da vida nas grandes cidades e da concentração populacional. A questão da segurança se alia às conveniências geradas pela evolução tecnológica, que induzem ao consumo doméstico de imagens em movimento. Novas modalidades de exibição, como os conjuntos multiplex combinados com praças de alimentação, tornaram-se uma opção de oferta de serviços que atraíram grandes investimentos, modernizando o consumo cinematográfico. Por sua vez, convivem com a gestão familiar da exibição, feita de geração a geração, em algumas salas de cidades do interior, pequenas ou médias.

A exibição tem um papel preponderante para a formação do preço com que um filme será negociado na cadeia econômica (DVD, tevê, etc.), que sucede a exploração na sala. E para a visibilidade da produção cinematográfica brasileira, que nela deve compensar sua relativa falta de penetração no chamado mercado ancilar. É ali que o cinema brasileiro vai formar sua imagem, dar consistência a seu relacionamento com a sociedade que o cerca.

Mais dramática é sua relação com a produção cinematográfica de origem estrangeira, que explorando seu produto em escala mundial, tende a fazê-lo em função de um rápido retorno de seu investimento. Além da produção, ele é feito de maneira cada vez mais significativa em seu lançamento, sua comercialização, que, em alguns casos, chega a ser mundializada. Ou seja, a operação econômica é presidida por uma lógica de rentabilidade do produto, antes da rentabilidade da própria rede de exibição que o difunde. É o clássico conflito de interesses entre a distribuição e a exibição.

Por tudo isso, é oportuna a atividade de regulação que pretende estabelecer uma relação entre a livre concorrência e a intervenção do Estado para encontrar um equilíbrio entre os vários agentes econômicos do mercado, o estado da arte de sua produtividade econômica e social. Para tanto, não bastam boas intenções ou vontade política. São indispensáveis as informações que vão dar elementos de realidade e formar o comando normativo que, no caso da ANCINE, se dá através da edição de suas “instruções”. É a partir da transparência das informações e de uma permanente interação com o mercado que essas instruções normativas constituirão um instrumento legítimo da ação do Estado. Em um momento onde começa a surgir no setor da exibição a consciência de que ele pode e deve ser regulado em seu próprio benefício, contrariando uma histórica convicção não-intervencionista, é indispensável que a abrangência e transparência de informações que lhe dizem respeito possam ser compartilhadas para a conveniência de todos.

O estabelecimento de um acordo entre as entidades representativas do setor de exibição e a ANCINE sobre o fornecimento de dados, utilizando as possibilidades

abertas pela informática, irá impor, gradualmente, a total modernização desse fluxo de informações. É um imperativo da visão sistêmica que presidiu a criação da ANCINE.

O cinema é o vértice da pirâmide audiovisual, é preciso que o equacionamento de sua atividade econômica seja exemplar.

Gustavo Dahl  
Diretor-Presidente  
22 março de 2006